

## Tecnologias Sexopolíticas de produção e de resistência, inscritas nos corpos em Beatriz Preciado

WILLAME ARAÚJO OLIVEIRA ALENCAR \*

### RESUMO

Embora o feminismo tenha sido fundamental na desconstrução de discursos heterocentrados, o mesmo ainda vivia assombrado com contradições como os binarismos: natureza/cultura, essencialismo/construtivismo. Será a teoria *queer* e as noções de tecnologias da sexualidade, através da filósofa espanhola Beatriz Preciado e sua principal obra *O Manifesto Contrassexual*, que teremos um significativo rompimento com todos os binarismos heteronormativos. O objetivo desse trabalho é, portanto, expor a importância da noção de sexopolítica de Preciado, para as práticas de resistência *queer*, diante do poder heterocentrado. A relação filosófica e prática do sexo com a tecnologia, marca, definitivamente, o surgimento do pós-feminismo.

### PALAVRAS-CHAVE

Sexopolítica. Tecnologias do sexo. Biopoder. Teoria *queer*. Pós-feminismo.

---

\* Mestrando em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC. Bolsista da CAPES. E-mail: willame.hist@gmail.com.

## **Sexual Politics Technologies of Production and Resistance, entered in Bodies in Beatriz Preciado**

### **ABSTRACT**

Though the feminism had been essential on the hetero-centered speeches' deconstruction, It still lives haunted by contradictions, such as binarism: nature/culture, essentialism/constructivism. Queer theory and the concepts of sexuality technology, based on the Philosophy theories of the Spanish Beatriz Preciado and her main work *The Contra-Sexual Manifesto*, we'll have a significant rupture on all the types of hetero-centered binarisms. The main goal of this assignment is, surely, to expose the important notion of *sexopolítica*, which is a term in Portuguese that expresses this feeling: "Use your body as a political act of protest" this notion is based on Preciado's work. To the queer practices of resistance, facing the hetero-centered power, the philosophical relationship and sex practice with the technology, highlights permanently, the rise of the post-feminism movement.

### **KEY-WORDS**

Sexual politics. Technologies of Sex. Bio power. Queer theory. Post-feminism.

## 1 Introdução

Preciado faz nítidas considerações com relação ao modo de coerção ou de movimentação do poder sobre a sexualidade, nas sociedades contemporâneas, evidenciando a superação da noção de repressão da sexualidade, como já se encontra de maneira contundente, na obra *História da Sexualidade* de Michel Foucault, para se falar de regimes de controle, produção e manutenção de certas práticas e discursos sobre o sexo, gênero etc.

A heteronormatividade será entendida como uma produção tecnológica de certas práticas e discursos que tem como função manter, regular e controlar a sexualidade em função da conservação do binarismo de gênero homem/mulher e da procriação tida como único propósito do sexo. Além de produzir práticas e discursos normalizadores, as tecnologias do sexo, criam práticas de resistência que se inscrevem nos corpos, superando os binarismos e encarando a sexualidade pela suas margens ou pela sua transversalidade.

Para se pensar as tecnologias de resistência teremos que compreender a noção de sexopolítica de Beatriz Preciado através de sua obra *O Manifesto Contrassexual*, outros textos como *Multidões Queer* e *Testo Yonqui*, além de entrevistas concedidas. O diálogo com tais obras nos permitirá acompanhar o caminho percorrido pela filósofa do pós-feminismo para desconstruir os paradigmas heterocentrados, para conceber uma íntima relação de poder e resistência entre sexualidade e tecnologias.

O pensamento de Preciado tem grande relação com as noções de sexualidade, poder, resistência e biopoder de Michel Foucault e com as noções de devires intensivos e sociedade de controle de Deleuze e Guattari. Sua filosofia é, de fato, uma filosofia prática de transformação dos corpos, inscrição de praticas políticas de resistência às normalizações sociais.

## **2 GÊNERO, SEXUALIDADE E TECNOLOGIAS DE CONTROLE**

Curiosamente, será a invenção da categoria de gênero que, segundo Preciado, se tem um marco ou uma passagem para um novo modo de controle e produção da sexualidade, que perpassa as pretensões de organização e racionalização da vida, tida como biopoder<sup>1</sup>. O gênero sexual pode ser entendido como um mecanismo tecno-político de controle, regulação e produção da sexualidade e da vida, aos moldes da noção deleuze-guattariniana de “sociedade de controle”, que se caracteriza pela “invisibilização dos mecanismos de controle”, se distanciando da forma foucaultiana de “clausura (como o do hospital ou da fábrica)”, para se dissolver num movimento quase imperceptível de “um modelo de tecido, de rede, nos quais primam o deslocamento imediato, a conexão, a contaminação e as formações somatopolíticas” (PRECIADO, 2010, p. 56).

---

1 O biopoder é um conceito filosófico do filósofo francês Michel Foucault que se refere a uma tecnologia de poder voltada para o “fazer viver”, preservando a vida, mas conduzindo-a, regulando-a, controlando-a.

O que nos interessa na afirmação de Preciado sobre a invenção do gênero sexual como um marco do aparecimento dos mecanismos de controle é, entre outras coisas, sua estreita relação com o pensamento deleuze-guattariniano sobre natureza e tecnologia, justamente, por não serem consideradas coisas opostas, mas sim a mesma coisa. Entender como a noção de tecnologia se apresenta no pensamento de Preciado, influenciada pelos filósofos franceses, é fundamental para se compreender o gênero como tecnologia de controle e de produção de desejos e binarismos e, como o *queer*<sup>2</sup> aparece como uma prática de fuga e de resistência diante de tais mecanismos.

## 2.1 Do gênero como natureza para o gênero como tecnologia

De início associar a sexualidade à tecnologia pode parecer estranho, mas será tal associação que permitirá o feminismo afirmar que o gênero é construção cultural e se dá a partir de técnicas, de práticas discursivas e simbólicas que, com o passar do tempo, produziu e estabilizou o gênero e o sexo como natureza imutável.

Pode-se justificar o fato de que o gênero e o sexo são visto como naturais e estáveis por causa da resistência social em encarar mudanças no próprio

---

2 *Queer* é um termo da língua inglesa e pode significar: gay, homossexual, bicha, baitola, viado etc. Embora inicialmente seja um xingamento, o pensamento pós-feminista, deu novos significado ao termo, tornando-se um expressão de política de resistência, que será melhor explicada mais a frente.

indivíduo assim como encara abertamente as mudanças tecnológicas de modo geral. A sociedade recebe bem todo avanço tecnológico ligado à melhoria de vida e sobrevivência, desde que tal mudança não ocorra em sua própria constituição como ser humano. A resistência a transformar em si mesmo fez a sociedade conservar os valores binários de sexualidade fazendo parecer, até os dias de hoje, como estruturas naturais, pré-determinadas e estáveis por si mesmas. Segundo a filósofa, mesmo com a ampla evidência, no final do século XX, de que o gênero e o sexo não são causas que determinam os sujeitos, mas são efeitos de tecnologias socioculturais, ainda assim, se resiste a pensar a sexualidade como um aparato complexo de técnicas que se incidem nas nossas vidas e na nossa subjetividade.

As diferenças feitas, ao longo da História, sobre natureza e tecnologia, demarcou dois lados claramente opostos: “a oposição entre o corpo vivo (limite ou ordem primeira) como natureza e a maquina inanimada (libertadora ou perversa) como tecnologia” (PRECIADO, 2014, p. 148). Tais distinções se dão por pressupostos metafísicos colocando de um lado aquilo que é natureza, não feita pelo homem, e aquilo que é tecnologia, feita pelas mãos do homem. Segundo Preciado, seguindo o pensamento da filósofa Donna Haraway, essa oposição natureza/tecnologia determina o modo como vemos o homem e seu gênero sexual.

Desse modo, a noção de tecnologia passa a fazer parte dos critérios que determina diversas categorias como: o humano, que se define como natureza, assim, como

também, o gênero sexual, que só pode se encontrar na categoria da natureza, visto que pertence ao humano.

Sobre a definição dos corpos masculinos e femininos, encontra-se, na antropologia clássica, ainda seguindo as reflexões da filósofa Donna Haraway, a relação do gênero sexual com a suposta oposição natureza/tecnologia. O masculino se aproximaria da técnica, da instrumentalidade, sendo que tais técnicas e instrumentos são produzidos e utilizados pelos homens, são seus mediadores ou suas extensões, até mesmo, os substituindo. Já a mulher foi separada de qualquer tipo de tecnologia, sendo reduzida em todos os seus aspectos à gestação, a educação dos filhos e ao sexo, vista, portanto, como da natureza e não como tecnologia. O corpo feminino sempre estará disponível para o sexo (heterossexual) e para procriação, exercendo assim funções da natureza (PRECIADO, 2014, p. 149).

No entanto, é através do feminismo que se encontra toda uma crítica a suposta oposição natureza/tecnologia e a tal atribuição ao corpo feminino como reduto de uma instancia puramente natural. O esforço discursivo do feminismo em evidenciar a presença de tecnologias normatizadoras do corpo feminino, marcou claramente uma fissura no pensamento contemporâneo. A pesar de que o próprio feminismo, inicialmente, também foi contaminado por noções de natureza e essência do feminino, mesmo tratando de tecnologia, pois se referia a essa última, como técnicas de repressão e dominação do corpo feminino pelos homens, excluindo a possibilidade da presença

da tecnologia no corpo da mulher, também, como modo de resistência, deixando assim, a tecnologia para o masculino e a natureza para o feminino. Será no pós-feminismo que os aspectos naturalizadores do sexo e do gênero se dissiparão, dando lugar a uma constituição puramente tecnológica, tanto de repressão e controle como de resistência.

Assim, também, seguindo o pensamento de Donna Haraway, a tecnologia de gênero, nada mais é do que “um modelo cibernético, de hibridação, metamorfose, mutação”. Percorrendo os passos da economia globalizada, as tecnologias de gênero, superam a sociedade disciplinar, para perpassar os caminhos relacionais da sociedade de controle, reivindicando, não mais “políticas de morte ou vida, mas da produção e do controle de estados intermediários entre a vida e a morte”. (PRECIADO, 2010, p. 56). Será nesse entremeio que as tecnologias aparecerão, evidenciando as contradições de um discurso que legitima o sexo e o gênero como natural, para esclarecer as diversas formas de discursos tecno-produtivos da subjetividade.

## 2.2 Heteronormatividade como tecnologias de normalização

Na obra *Testo Yonqui*, Preciado faz uma reflexão sobre as evidências que demonstram o aparecimento do gênero, no século XX, como um problema político-econômico, ou seja, como a sexualidade se torna o centro das atenções dos mecanismos de poder e controle do capitalismo. Com o investimento econômico de governos em pesquisas sobre o sexo

e a sexualidade, a visibilidade da homossexualidade em espaços sociais inesperados, os estudos médicos dos chamados desvios sexuais, a manipulação hormonal e biomolecular e o crescimento da indústria pornográfica, se percebe claramente como o sexo se torna objeto do discurso de controle, da organização e produção política da vida. (LESSA, 2011).

Segundo Preciado, as tecnologias de sexo e gênero, próprias do século XX, são, em certo sentido, (re) apropriações de discursos e práticas que se formam no século XIX, nas quais se encontram centradas nas noções de heterossexualidade e de sexo redutível aos órgãos reprodutores, ambas naturalizadas.

As tecnologias heteronormativas, próprias de um discurso de regulação e controle da sexualidade, voltado aos órgãos sexuais reprodutivos, as relações heterossexuais e ao macho como centro, se encontram, principalmente, formadas através das técnicas de controle do prazer feminino no século XIX e nas operações de “correção” do sexo e gênero de bebês intersexuais no século XX.

A problematização do prazer feminino, sempre esteve submetida a certos discursos normatizadores de sua condução, regulação e função social, tendo, segundo Preciado, duas tecnologias coercitivas fundamentais, como a “repressão da masturbação” e a “histeria”. No que diz respeito à função do orgasmo feminino, pode-se dizer que não havia nenhuma função relevante para sociedade, tendo em vista que o único intuito da sexualidade é a procriação. Enquanto o prazer masculino gira em torno basicamente da ereção e da

ejaculação, o prazer feminino é descrito como uma doença, uma histeria que necessita ser tratada por um médico (PRECIADO, 2014, p. 114). Desse modo o prazer feminino fica submetido ao marido e ao médico, a reprodução e ao parecer clínico, pois, o “orgasmo se assemelha a uma força animal, um instinto primitivo que deve ser de algum modo domesticado e disciplinado através de um regime severo de auto-observação e de autocontrole” (PRECIADO, 2014, p. 115).

Além da produção de mecanismos de controle do prazer feminino, que contribui para estabilização e definição do gênero, encontra-se, também, as tecnologias médicas, que tem como objetivo eliminar as ambiguidades sexuais, enquadrando os corpos em apenas macho e fêmea. Preciado destaca as operações de “regulação” do sexo de crianças intersexuais<sup>3</sup>, como prática crucial para se entender os processos discursivos que fomentam a dualidade de gênero.

Os mecanismos de reatribuição do sexo, diz respeito aos casos de bebês que nascem com ambos os órgãos sexuais (órgão sexual masculino, o pênis e órgãos sexual feminino, a vagina), tidos pelo discurso heteronormativo, e os bebês que nascem com um órgão esteticamente “indefinido”, ou seja, não possui a definição exigida pelo discurso heterocentrado.

No entanto, o ponto de partida para a definição ou “regulação” do sexo de bebês intersexuais não se dá necessariamente na operação propriamente dita. Os

---

3 Intersexo é um termo que descreve pessoas nascidas com uma das variações na anatomia sexual, resultando em corpos nem puramente masculinos nem femininos, seja interno ou externamente.

discursos que garantem a dualidade das identidades sexuais são anteriores, evidenciando um discurso pré-determinado “a priori anatômico-político” e não meramente biológico, garantindo, assim, uma lógica ou “concordância” do gênero, do sexo e do corpo como um todo.

Preciado analisa tal discurso prévio da definição das identidades sexuais através da clássica pergunta, própria do senso comum, sobre qual é o sexo do bebê: “é menino ou menina?”. Por trás dessa indagação aparentemente natural, se encontra oculto, todo um aparato discursivo e sistema de pensamento que predetermina as diferenças sexuais em meio a uma dualidade macho/fêmea fixada e tida como natural. Tais discursos são efetivados através dos mecanismos de exploração, manipulação e fragmentação do corpo e “dos órgãos” através de “um conjunto de técnicas visuais, discursivas e cirúrgicas bem precisas que se escondem atrás do nome ‘atribuição de sexo’” (PRECIADO, 2014, p. 128).

Os dois pontos de reatribuição, tanto nomeando o corpo que nasce com o sexo masculino ou feminino, quanto reconstruindo seus órgãos para se adaptar a atribuição anterior, garantem, de fato, a definição de gênero e de sexo que melhor se enquadra ao discurso heterocentrado. Desse modo, “a própria existência das operações de reatribuição ou mudança de sexo, assim, como os regimes de regulação legal e médico” denunciam a suposta “identidade sexual (“normal”)” como “produto de uma tecnologia biopolítica custosa” (PRECIADO, 2014, p. 128).

O que temos é uma série de procedimentos médicos que são responsáveis por modular, regular e controlar os corpos, fazendo-os funcionar segundo um discurso que tenta, a qualquer custo, manter uma total “concordância” entre órgãos sexuais, o corpo e a orientação sexual (no caso, a heterossexualidade). Os intersexuais, os transexuais, as travestis etc., são os casos atípicos, que fogem da suposta ordem natural, a ordem heterossexual.

Um ponto fundamental presente nos discursos e mecanismos de reatribuição de gênero e sexo é os direcionamentos dados aos órgãos do corpo. Enquanto os órgãos tidos como sexuais se tornam o centro definidor da identidade e totalidade do corpo, os demais órgãos se tornam periféricos, sendo incapazes de definir o sexo. Desse modo, se o bebê não nasce com órgãos sexuais definidos, segundo a predeterminação heteronormativa, é preciso moldar tais órgãos, pois são os únicos capazes de definir e totalizar a existência e identidade do corpo desse bebê, ou seja, “o corpo só tem sentido como sexuado, um corpo sem sexo é monstruoso” (PRECIADO, 2014, p.131). Aberrações, comportamento antinatural, perversos e invertidos, são alguns dos termos que definirão qualquer modo de ser que escape a conjuntura heteronormativa e binária já estabelecida ao nascer ou até mesmo antes. Só se é humano neste caso quando há “coerência” entre nossos órgãos sexuais, nosso corpo e o discurso naturalizante heterocentrado.

Com tudo, percebe-se o quanto a existência de bebês intersexuais são ameaças contundentes

aos discursos de atribuição binária dos sexos por denunciar, no próprio corpo a variabilidade sexual. Além disso, a afirmação de uma natureza exclusiva atribuída ao binarismo se mostra frágil tanto pela aparição da intersexualidade como pela tentativa de “reajustamento” do sexo.

No que diz respeito à fragilidade da afirmação da natureza binária dos sexos, Preciado faz menção a teoria da diferença sexual desenvolvida por John Money, destacando que essa mesma teoria, ao mesmo tempo, que afirma uma total normalidade e naturalidade do binarismo macho/fêmea, é a mesma que afirma ser possível a modificação do gênero e do sexo para corrigi-lo, pois se vale de “uma hipótese puramente construtivista (e isso antes do construtivismo ser utilizado nas argumentações feministas)”, ou seja, dentro do mesmo discurso daquele que afirma a naturalidade dos sexos binários, não poderia haver uma afirmação “mais revolucionária: o gênero e a identidade sexual são modificáveis até a idade de 18 anos” (PRECIADO, 2014, p. 132). De acordo com seu sistema de pensamento, Money jamais aceitou as ambiguidades sexuais como variantes naturais ou normais. Para ele, os órgãos sexuais de bebês intersexuais não passam de anomalias, órgãos defeituosos, atrofiados, “subdesenvolvidos” etc., sendo, assim, apenas a confirmação de que os órgãos devidamente binários são de fato os órgãos verdadeiros e que as operações de reatribuição sexual seriam a garantia de “consertar” os órgãos mal formados e indefinidos.

Percebe-se, também, o quanto o critério de atribuição do sexo está diretamente ligado a questões estéticas e visuais, pois, as operações têm como ponto de partida o que pode ser visto e entendido no órgão sexual, ou seja, ao visualizar o órgão sexual busca-se perceber se é suficientemente desenvolvido e se parece um pênis, caso não seja possível ser definido como tal, entende-se que é uma vagina, assim, decide-se que tipo de operação de reatribuição de sexo deve ser feita. Por se basear em apenas critérios estéticos, as operações de reatribuição do sexo, são apenas adaptações dos órgãos a uma coerência visual predisposta, por um discurso que visualiza o corpo dentro de uma lógica puramente heteronormativa.

### **3 FEMINISMO E AS TECNOPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIA**

O próprio feminismo é exemplo de como as tecnologias do sexo se inserem efetivamente em todas as instâncias da vida e nos discursos sobre a mesma. Os primeiros discursos na tentativa de problematizar o gênero e resistir às técnicas de controle se mostraram, em alguns aspectos, ainda presos aos discursos heterocentros, por focarem suas análises em tecnologias reprodutivas, definindo o corpo feminino como aquele que reproduz e enfatizando a categoria ou gênero feminino como próprio da mulher. Esses discursos iniciais do feminismo acabaram caindo na armadilha do essencialismo, que é próprio das tecnologias heteronormativas, que se valem da noção de essência para justificar o binarismo sexual e a

“coerência” do órgão sexual, do corpo, do gênero e da orientação sexual.

Esse feminismo inicial, ao produzir uma problemática em torno de tecnologias reprodutivas acabou por relacionar o corpo feminino ao gênero e a função de reprodução sexual, criticando apenas a opressão diante de tal condição feminina e perdendo a oportunidade de levantar uma questão mais relevante e, de resistência, a essa suposta condição natural, como, refletir sobre o “caráter construído do corpo e da identidade de gênero masculino”, além de não restringir as tecnologias do sexo a apenas um “dispositivo a serviço da dominação patriarcal” (PRECIADO, 2014, p. 151). Desse modo, esse feminismo inicial só foi capaz de pensar as tecnologias como próprias da opressão à mulher, não enxergando as mesmas como mecanismos possíveis de resistência ao controle vigente.

No entanto, a posição essencialista da definição de mulher, por parte do feminismo inicial, parece ser superada pelos discursos de Simone de Beauvoir, no qual desnaturaliza o gênero feminino com sua máxima: “não se nasce mulher” (PRECIADO, 2014, p. 153). Essa desnaturalização enfatiza a construção do gênero feminino, por fatores sociais e culturais que fazem com que a mulher seja de tal modo e não de outro. O caráter essencialista parece sair de cena dando lugar ao construtivismo. A pesar do avanço teórico, Beatriz Preciado ainda considera falho tal discurso construtivista por dois motivos: Primeiramente por restringir a reflexão apenas do gênero feminino. Toda a reflexão sobre o processo

de construção sociocultural do gênero feminino, não se estende para indagar sobre a construção do gênero masculino. Até mesmo nos discursos sobre a homossexualidade, o construtivismo fala da lésbica como construção, mas não fala do gay do mesmo modo. Sendo assim, o essencialismo do gênero ainda assombra as reflexões do feminismo, mesmo com suas pretensões construtivistas.

No entanto, é a partir do filósofo francês Michel Foucault que os discursos sobre gênero dão uma guinada significativa na busca de superar o essencialismo e o construtivismo, partindo da noção de tecnologia do sexo. Foucault trará as condições teóricas possíveis para o pós-feminismo, justamente, pelo fato de que, sua noção de tecnologia busca:

[...] escapar à compreensão redutora da técnica como um conjunto de objetos, instrumentos, máquinas ou outros artefatos, assim como em escapar à redução da tecnologia do sexo às tecnologias implicadas no controle da reprodução sexual. Para Foucault, uma técnica é um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade (PRECIADO, 2014, p. 154).

Para Foucault, segundo Preciado, as tecnologias são micropoderes sempre produtivos que se movimentam para todos os lados, em diversos níveis sociais, do opressor ao subordinado e vice-versa. Desse modo, “o sexo e a sexualidade não são os efeitos das proibições repressivas”, mas também, “um conjunto de tecnologias produtivas”, sendo assim, melhor forma de controle

da sexualidade não está nas práticas de repressão, mas nas diferentes produções de “desejos e prazeres que parecem derivar de predisposições naturais” (PRECIADO, 2014, p. 156).

Portanto, a tecnologia do sexo extrapola os mecanismos de reprodução e de repressão do corpo feminino, atuando em todos os aspectos do corpo humano, gerando discursos e práticas não só reguladoras, mas também possibilitando práticas de resistência e de transgressão das normas preestabelecidas. Será, necessariamente, o ponto de resistência presente nas tecnologias do sexo e da sexualidade que dará ao feminismo condições de se libertar das amarras e contradições do essencialismo/construtivismo, para uma perspectiva pós-feminista de dispositivos e agenciamentos tecnológicos do corpo e da sexualidade.

### 3.1 Pós-feminismo e teoria *queer*

Os anos 90 foram marcados por um processo de reflexão e crítica ao feminismo essencialista/construtivista, por novos atores políticos, que denunciaram a constituição da identidade “mulher” que, na verdade, não passa de uma identidade representativa da mulher, branca, heterossexual e de países hegemônicos, para trazer ao centro das discussões as diferenças claras de concepção do feminino. No seio das novas discussões teremos as lésbicas, as mulheres negras, as imigrantes, as latinas, as transexuais, os transgêneros etc.. As novas reflexões do movimento feminista e homossexual nos

levaram ao que Preciado chama de pós-feminismo ou teoria *queer*, apoiados no pensamento de “Foucault, Derrida e Deleuze” e tendo, de início, como suas principais expressões as filósofas “Donna Haraway, Judith Butler, Judith Halberstam (nos Estados Unidos) Marie-Hélène Bourcier (na França), mas também as lésbicas chicanas como Barbara Smith e Audre Lorde” (PRECIADO, 2011, p. 17).

A própria produção filosófica de Beatriz Preciado pode, *a priori*, se encontrar de forma marcante dentro do pós-feminismo ou teoria *queer* dos anos 90, mas, na verdade, a filósofa é crítica a essa noção temporal e/ou evolutiva dos discursos e teorias da sexualidade pela presença do binarismo opositor ainda evidente. Para Preciado, o uso do “pós” não deve ser encarado como oposição, contra o feminismo inicial, mas, de modo contundente, como uma resignificação descontínua que desconstrói o binarismo: “homossexualidade/heterossexualidade, homem/mulher, masculino/feminino, natureza/tecnologia” (PRECIADO, 2014, p. 11). A superação dos binarismos sinaliza uma mudança significativa e um avanço teórico, pois:

[...] o pós-feminismo representa a maturidade do feminismo como teoria política. [...] em direção a debates em torno da produção transversal das diferenças. Trata-se de estarmos atentos, diria Bell Hooks, ao “entrecruzamento de opressões”. Não é simplesmente questão de se ter em conta a especificidade racial ou étnica da opressão como mais uma variante junto à opressão sexual ou de gênero, mas de analisar a constituição mútua do gênero e da raça, o que poderíamos chamar

a sexualização da raça e a racionalização do sexo, como dois movimentos constitutivos da modernidade sexocolonial (PRECIADO, 2010, p. 48).

Por sua aproximação a Foucault, Derrida e Deleuze, temos em Preciado toda uma desvinculação de operações discursivas ainda presas ao binarismo, fazendo ecoar linhas de fuga, práticas relacionais e movimentos transversais do sexo, gênero, raça e etnia, produzindo práticas e agenciamentos de tecnologias de resistência.

### 3.1.1 Teoria *Queer*: resignificação e resistência

É, justamente, o poder de resignificação e de técnicas de resistência pela qual a teoria *queer* ganha corpo. Seguindo o pensamento de Foucault, os teóricos do pensamento *queer*, dão novas significações às técnicas de dominação, fazendo-as vaziar, pois, “toda técnica que faz parte de uma prática repressiva é suscetível de ser cortada e enxertada em outro conjunto de práticas, reapropriada por diferentes corpos e invertida em diferentes usos, dando lugar a outros prazeres e a outras posições de identidade” (PRECIADO, 2014, p. 108).

De fato, o que temos a partir dos anos 90 é uma mudança de perspectiva do sujeito em relação às práticas, em que o sujeito deixa de ser encarado apenas como um ser passivo, recebedor das normas de dominação tecnológicas, para se tornar atuante na manipulação das técnicas, tendo, portanto, uma reviravolta dos usos e práticas das tecnologias e do poder que as perpassam.

Essa produção de subjetividade a partir de técnicas de resistência que dão voz ao pós-feminismo é chamada de *Queer*, que pode ser entendida como “um insulto que em inglês significa ‘viado, bicha, boiola, marica’”, na qual, através das tecnologias do sexo, essa expressão passou por ressignificação, tornando-se uma afirmação de um sujeito ativo de sua própria subjetividade que resiste a normalização, enquanto movimento, que se dá pelo “transbordamento da própria identidade homossexual por suas margens; viados, maricas, boiolas, transgêneros, putas, gays e lésbicas deficientes, lésbicas negras e *chicanas*, e um interminável etc.” (PRECIADO, 2010, p. 49-51).

Os movimentos ou as ações políticas *queer* potencializam as ofensas aos indivíduos LGBTQs, tornando-as linhas de fuga, ao denunciar as tentativas de renaturalização da identidade pelos próprios movimentos de minoria social. Os movimentos *queer* rejeitam a noção de identidade gay, lésbica etc. como natural ou de nascença, para, entende-las como estados momentâneos de subjetividade fruto de tecnologias sofisticadas e de resistência às técnicas heterocentradas. O *queer* supera os equívocos essencialista/construtivista do feminismo, para permitir a saída de novos modos de experimentação do corpo, da sexualidade e da vida.

### 3.1.2 Crítica ao construtivismo performático

A perspectiva do gênero e da sexualidade como práticas sexo-tecnológicas presente no pensamento de Preciado distancia-se da perspectiva performática, muito presente na teoria *queer*. Também se distancia

do feminismo marxista por ainda partir da noção de diferença sexual, por divisão sexual do trabalho, pois tal feminismo não dá voz aos inúmeros subalternos que o movimento pós-colonial proporciona. Há um movimento de deslocamento das noções marxistas à noção pós-colonial, onde as “categorias de classe, trabalho e divisão sexual do trabalho” saem de cena para se reivindicar “o corpo, a sexualidade, a raça; mas também a nacionalidade, a língua, o estilo ou, inclusive, a imagem” (PRECIADO, 2010, p. 54).

Já a noção de performance é, em certo sentido, o ponto inicial das mudanças conceituais do pós-feminismo, desse modo, é importante compreender tal noção e porque a Preciado tende a se distanciar da mesma.

A filósofa americana Judith Butler é um destaque no pensamento sobre gênero ao pensar a noção de “performance”, pois tanto ela como outras pensadoras se utilizam dessa noção como forma de escapar a suposta naturalização do corpo, do sexo e do gênero, que tende a visualizar tudo por binarismos. A noção de performance dos gênero parte da concepção que os mesmos só se encontram presente quando se tem atos pré-definidos que se repetem constantemente, gerando a identificação e a ilusória noção de pertença natural. O gênero atrelado à performance, exclui a possibilidade de um *status* ontológico e naturalizador do mesmo.

A repetição de certos comportamentos leva a produção de uma performance que é nomeada como o gênero. A filósofa americana elabora seu argumento a partir de sua análise do comportamento de *drag*

*queens*<sup>4</sup>, denunciando o que ela chama de “efeitos paródicos e desnaturalizadores que a teatralização da feminilidade da *drag queen* produz” (PRECIADO, 2014, p. 91). Na perspectiva de Butler o gênero é construído por condições culturais e históricas, tornando-se imitações reguladas e reforçadas para se manter o binarismo vigente.

Para Preciado a perspectiva da performance do gênero não atende efetivamente aos problemas envolvendo a produção de gênero e sexo, pois, Butler, ao enfatizar:

[...] a possibilidade de cruzar os gêneros através da performance teatral, *Gender Trouble*, o texto canônico da teoria *queer*, havia subestimado os processos corporais e especialmente as transformações sexuais presentes nos corpos transexuais e transgêneros, mas também as técnicas estandardizadas de estabilização de gênero e de sexo que operam nos corpos “normais” (PRECIADO, 2010, p. 53).

A performance como processo de invenção do gênero deixa escapar claramente os transexuais<sup>5</sup>, pois os mesmos não possuem a repetição de gênero como fator da “discordância” de sua identidade de gênero e seu sexo físico, ou seja, se todos nós estamos sujeitos a repetição de certas práticas, que geram a noção de gênero, então os indivíduos transexuais,

---

4 *Drag Queens* são artistas performáticos que se travestem com um intuito profissional/artístico. Normalmente chamamos de *drag* o homem que se veste com roupas femininas para fins de entretenimento.

5 Pessoas que sentem intimamente que nasceram com o sexo biológico errado. Alguns acabam fazendo a cirurgia para mudança de sexo.

que também, são submetidos as mesmas práticas de repetição, deveriam, portanto, desenvolver o gênero de acordo com o seu sexo. Apesar da influência hegeliana em Butler, ela tenta abarcar, na noção de performance, os transexuais, entre outros que não eram contemplados. No entanto, falha por não conseguir fomentar um pensamento por vias de um “materialismo imanentista”.

Preciado se opõe a noção de performance, embora considere relevante para as questões de estética dos corpos, e se aproxima, claramente, da noção de “tecnologias precisas de transincorporação”. Tais tecnologias biopolíticas redefinem o corpo e a vida e, desse modo, o gênero e o sexo.

Outro ponto que diz respeito à performance é o que Butler chama de performatividade linguística, uma tentativa de escapar das falhas conceituais da performance da *Drag Queen*. Dos enunciados definidores do gênero, desde os enunciados impostos aos bebês quando nascem, até os xingamentos como bicha, sapatão etc, segundo Butler, não descrevem nada sobre o objeto nominado, pois sua enunciação é performática, “isto é, invocações ou citações ritualizadas da lei heterossexual” (PRECIADO, 2014, p. 92). Para Preciado, tal perspectiva do discurso como invocação performática que define a diferença sexual e de gênero, é problemática por reduzir a identidade apenas ao discurso que se tem sobre a mesma. Esse confinamento da identidade ao discurso exclui as diversas incorporações que se inscrevem no corpo do indivíduo independente dos discursos presentes.

O enunciado performático exclui, desse modo, uma série de inscrições corporais que são, de fato, práticas políticas que se expressam no corpo, os modificando na sua constituição propriamente dita, como os:

[...] clitóris que crescerão até se transformarem em órgãos sexuais externos, corpos que mudarão ao ritmo de doses hormonais, úteros que não procriarão, próstatas que não produzirão sêmen, vozes que mudarão de tom, barbas, bigodes e pelos que cobrirão rostos e peitos inesperados, dildos que terão orgasmos, vaginas reconstruídas que não desejarão ser penetradas por um pênis, próteses testiculares que ferverão a cem graus e que poderão, inclusive, ser fundidas no micro-ondas... (PRECIADO, 2014, p. 94).

As diversas práticas que podem vir a ser, ou se inserir nos corpos, são marcas claras de uma ação política, que atravessa o corpo e a identidade. Não há espaço na enunciação do discurso, para o transbordamento do corpo e da identidade. Tanto as performances quanto os enunciados não dão conta da multiplicidade de agenciamentos que se dão no corpo. A noção de performatividade de Butler ainda se encontra vulnerável à aos binarismos como essencialismo-construtivismo e natureza-tecnologia. Preciado busca, portanto, fugir dessa discussão para pensar um modo de embate entre a teoria *queer* e a filosofia pós-estruturalista, principalmente, o pensamento desconstruidor de Foucault, Deleuze e Guattari.

### 3.2 Práticas sexopolíticas e tecnologias de resistência

Compreender a íntima relação entre sexualidade e tecnologia é, segundo Preciado, fundamental para se

escapar dos falsos debates do binarismo: essencialismo-construtivismo. Isso porque, a perspectiva do sexo e do gênero como tecnologias, não atribuem aos corpos uma condição totalmente passiva em relação à construção social da diferença sexual, ou seja, os corpos não são apenas receptáculos da diferença sexual. Os próprios corpos são agentes dessa produção, tanto da produção de padrões de diferença sexual e de gênero, como da produção de inscrições de resistência.

Além de considerar os corpos como atuantes da produção tecnológica da sexualidade, a filósofa, destaca o modo como a atual tecnociência tem encarado a relação natureza/tecnologia, onde a mesma, não leva em consideração as supostas diferenças entre o orgânico e o mecânico. Preciado lembra que esse novo modo de pensar tais relações estão intimamente ligadas ao que Foucault chama de “biopolítica”, na qual, os corpos são submetidos a regulação, controle e produção da vida. Tal produção tecnológica da vida se dá de maneira tão incisiva que se torna “impossível estabelecer onde terminam ‘os corpos naturais’ e onde começam as ‘tecnologias artificiais’: os ciberimplantes, os hormônios, os transplantes de órgãos, [...]” (PRECIADO, 2014, p. 158).

Preciado busca destacar a relação entre tecnologia e sexualidade como uma sexotecnologia que se “incorpora”, se inscreve politicamente nos corpos, ou “se faz corpo”, vem à tona, se expressa no corpo molar, na macro-realidade. Tais técnicas de incorporação, que modificam e fundem no corpo as noções de natureza-tecnologia, podem ser mais bem entendidas, segundo Beatriz Preciado, pelas noções de robô e ciborgue,

comuns ao século XX, para então pensarmos no sexo como tecno-política incorpórea. A produção sexopolítica só é possível quando se supera a noção de robô para se chegar à compreensão prática do ciborgue, pois, o robô ainda se situa entre o corpo humano e a máquina.

Enquanto o robô ainda é encarado como uma redução do humano, que expressa os aspectos mecânicos do mesmo, o ciborgue será justamente seu inverso. O ciborgue será a “máquina viva”, a máquina que deseja, busca a consciência, busca tornar-se humana. Preciado aponta como marco na passagem da noção de robô para ciborgue, a incorporação da prótese, geralmente usada em casos de mutilação do corpo, onde a mesma é:

[...] dotada de sensibilidade fantasmática rompe com o modelo mecânico de acordo com o qual ela deveria ser um simples instrumentos que substitui um membro ausente. Torna-se impossível estabilizar a prótese, defini-la como ou mecânica ou orgânica, como ou corpo ou máquina. A prótese pertence por um tempo ao corpo vivo, mas resiste a uma incorporação definitiva. É separável, desenganchável, descartável, substituível. Mesmo quando é ligada ao corpo, incorporada e aparentemente dotada de consciência, a qualquer momento pode voltar à ordem do objeto (PRECIADO, 2014, p. 163).

A prótese e sua capacidade de não se fixar completamente nem como algo mecânico, nem como algo orgânico, torna-se cara para a filosofia de Preciado, pois rompe significativamente com o binarismo corpo/máquina, natureza/tecnologia. O

ciborgue será justamente essa linha fronteira que não separa, mas se movimenta a ponto de não mais enxergarmos apenas o orgânico ou o maquínico.

A tecnologia, enquanto prótese deixa de ser apenas um complemento ou um substituto artificial de algo ausente, para se tornar um ciborgue, ou seja, ela altera a percepção do órgão vivo, modifica-o e o desenvolve. As cibertecnologias farão das próteses veiculações de sensibilidades e conexões de experiências alteradas e independentes das noções corpo/máquina.

Mais do que modificar a experiência e alterar a percepção, a prótese criará dependência ao órgão vivo. Far-se-á necessária ao corpo. O computador, os óculos, o telefone celular, as redes sociais, a internet etc. são próteses que alteram nossa experiência, cria novos comportamentos e necessidades, tornando-se imprescindível ao corpo vivo. Sem as próteses somos incompletos, com as próteses nos tornamos ciborgues e, portanto, pós-humanos.

A noção de ciborgue ou o pós-humano está evidenciada na obra *O Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway (1985). Para Preciado tal filósofa é imprescindível ao estudo do pós-feminismo, pois seu pensamento sobre o ciborgue, marca a virada do feminismo, ainda preso ao binarismo natureza/tecnologia para o pós-feminismo onde a tecnologia passa a ter um caráter político no investimento ativo dos corpos.

Haraway concebe claramente o uso da tecnologia na vida humana como um sistema de integração capaz de transformar o pós-feminismo

e até mesmo a noção de humano, pois, para ela, as próteses, ou de modo geral, o ciborgue:

[...] não é um sistema matemático e mecânico fechado, mas um sistema aberto, biológico e comunicante. O ciborgue não é um computador, e sim um ser vivo conectado a redes visuais e hipertextuais que passam pelo computador, de tal maneira que o corpo conectado se transforma na prótese pensante do sistema de redes. A lei do ciborgue não é a da repetição mimética, e sim a da reprodução de um máximo de comunicação horizontal no sentido informático do termo. [...] A questão não reside em escolher entre os robôs e os ciborgues. Já somos ciborgues que incorporam próteses cibernéticas e robóticas. Não há volta. (PRECIADO, 2014, p. 167).

Produzir desejos e subjetividades que não se apoiem em discursos metafísicos, em essências ou naturezas imutáveis é, justamente, das práticas sexopolíticas. As tecnologias de normalização do gênero e do sexo não são mais encaradas como técnicas de opressão dos indivíduos, mas também, como técnicas de produção de novos modos de experimentação da vida e de resistência aos modelos de subjetividade pré-definidos pelo discurso heterocentrado.

Michel Foucault dizia que os homossexuais deviam insistir em ser homossexuais, pois a homossexualidade era uma linha de fuga do padrão heterocentrado. Do mesmo modo deve-se reinventar os gêneros, os sexos, os corpos. Não se trata de exterminar os códigos preestabelecidos, se livrar definitivamente da identidade, mas atravessar os pontos de fixação, torcê-los, fazê-los produzir novas significações, novos desejos, novas experiências da subjetividade.

Ser gay, bicha, sapatão, travesti, andrógeno, transexual etc. não são estados de uma subjetividade ancorada numa essências própria do individuo, mas sim o processo de um emaranhado de técnicas que impulsionam o individuo às suas margens, para além do pré-definido, jogando-se no estranhamento de si mesmo e na complexa rede de conexões e relações múltiplas e imanentes.

Assim como as próteses já fazem parte daquilo que somos, rompendo com a ilusória distinção entre orgânico e mecânico, as práticas sexopolíticas ou práticas *queers* são, definitivamente, práticas de resistência à fixação da identidade, a redução do sexo e do gênero ao binarismo e ao confinamento da sexualidade ao ato da procriação. O modo de vida *queer* rompe com os discursos naturalizantes da heteronormatividade. Dá nova significação as experiências e as relações, deixando fluir e vaziar as identidades.

#### **4 Considerações finais**

Em sua produção filosófica, Beatriz Preciado percorre um caminho que atravessa o feminismo e o pensamento pós-estruturalista do século XX, escoando no pós-feminismo ou teoria *queer*, uma série disposições marginais e políticas, que exigem a prática como o ato político dos corpos de se reinventar.

A filósofa pontua claramente os discursos de heteronormativos que se produzem no século XIX e XX, desconstruindo as noções de gênero, sexo, sexualidade e mostrando como se constituiu todo um aparato discursivo e prático em torno da sexualidade

com o intuito de mantê-la, regulá-la e controlar sua incidência na sociedade.

Enquanto Preciado desconstrói os discursos heterocentrados, ela também se distancia dos equívocos conceituais que buscam dar ao gênero e o sexo essências e natureza pré-definidas, anteriores ao sujeito, ainda presentes no pensamento feminista, que impedem um caráter ativo dos corpos. Preciado desmarcara a suposta passividade dos corpos, submetidos à repressão da normalização social, nos fazendo perceber o potencial ativo dos corpos em produzir novas técnicas de resistência e de experimentação da subjetividade.

A sexopolítica de Preciado dá voz a novos modos de viver, produzir e sentir, levando em consideração a nossa própria condição de corpos complexos, relacionais e cibernéticos. Sem uma referência metafísica naturalizante, somos o resultado de um processo sempre em movimento de tecnologias que tanto se fixam, normalizando certos aspectos, como se movimentam em várias velocidades, resistindo à fixação e a normalização. A reinvenção da vida por técnicas puramente imanentes evidenciam o caráter pós-humanista em nossos corpos políticos.



## Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; FÉLIX, Guattari. **Foucault**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

PRECIADO, Beatriz. *Entrevista*. **Revista Poiésis**, n 15, p. 47-71, Jul. de 2010.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Contrassexual**. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. *Mulheres Testosteronadas: adictas, malditas, transgressoras, bombásticas?* **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): janeiro-abril/2011.

\_\_\_\_\_. *Multidões Queer*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): janeiro-abril/2011.

\_\_\_\_\_. **Texto Yonqui**. Espanha: Editora Espasa Calpe, S. A., 2008.

